AVEIRO, 27 DE MAIO DE 1977 — ANO XXIII — NÚMERO 1162

Director e proprietário — David Cristo — Administrador — Camilo Augusto Cristo — Redacção e Administração: Rua do Dr. Nascimento Leitão, 36 — Aveiro (Tel. 22261) Composto e impresso na «Tipave» — Tipografia de Aveiro, Lda. — Estrada de Tabueira — Aveiro (Telefone 27157)

PEDRAS VENERANDAS QUE URGE SALVAR

JOÃO GONÇALVES GASPAR

VOLTO hoje a pegar na pena para escrever sobre o Cruzeiro de S. Domingos. Faço-o desta vez para o «Litoral», certo de que a minha palavra será aquela que, mais uma vez, este semanário tem para dizer. Que me desculpe o Dr. David Cristo, seu ilustre director; oxalá eu vá ao encontro do seu pensamento.

Tem-me sido extremamente agradável — como o é para todo o aveirense amigo das suas coisas, sobretudo se raras e valiosas — o efeito do grito de alarme que, no dia 11 de Março passado, lancei no «Correio do Vouga». Nessa altura, ao ver a continuada acção corrosiva do tempo e do ambiente sobre essa jóia gótico-manuelina, não me pude conter que não alertasse quem de direito para vir em defesa de uma peça importante do nosso património artístico; e apontava um processo de possíveis soluções para se salvar o Cruzeiro. As minhas palavras tiveram imediatamente eco, mais ampliado, noutros meios de comunicação social, subscrito por um aveirense de alma e coração, qual é Eduardo Cerqueira. Ainda bem; mesmo aqui na Imprensa local, apesar de tantas vezes relegada para segundo plano, teve o papel de chamar a atenção para a defesa dos nossos valores.

Nesta ocasião, creio não estar longe o dia em que se concretize o nosso anseio: salvar o Cruzeiro de S. Domingos, retirando-o para sítio recolhido e colocando no seu lugar uma réplica do monumento. As pessoas responsáveis tomaram o assunto ao seu cuidado e desejam dar-lhe solução satisfatória.

Recuemos, porém, uns anos atrás; recordar é um dever de justiça e de gratidão.

Em 1966, o Cruzeiro começou a apre- Continua na página 3

MANUEL BÓIA

VAMOS TRAIR HOMEM CHRISTO?

EM ritmo frequente e vertiginoso, quer-se acabar mesmo com o Distrito de Aveiro!

Para alguns, esse acontecimento será natural. Mas, aos meus olhos, a supressão de uma independência que vamos perder, confesso, faz-me indignar.

A facilidade com que se vão trair os ideais de Homem Christo perturba-me e exige de mim um grande equilíbrio e muita resistência para continuar a lutar. É que as condições de alternativa são tão anti-geográficas, tão anti-etnológicas, tão anti-económicas, que não posso deixar de exclamar: — Pobre Aveiro! Vais perder a tua maior riqueza — a tua personalidade colectiva, que está na força de seres a capital do terceiro Distrito do País! A projecção magnífica, que o Distrito há tantos anos te dá, vai terminar. Orgulhosamente, vão tirar-te, ao norte e ao sul, os vários concelhos industrializados, enriquecendo o Porto e Coimbra, que já são centros tão grandes! E, em troca, vão dar-te uns lugarzitos ainda por civilizar — e que por civilizar continuarão... — no Alto Vouga, onde já se respiram os fortes ares das Terras de Viriato e nunca a nossa maresia, não sendo rasgados, sequer, pela futura estrada Aveiro-Vilar Formoso, que passará muito mais a sul. Pobre Aveiro! Em vez de te projectarem no futuro, querem-te ver pequenina.

Abertamente, e mais uma vez, lamento e discordo desta ideologia teórica. Não compreendo tantas palavras de satisfação pelo plano, mesmo que, no íntimo, se reconheça

Continua na página 3

NEO-SUFRAGISTAS

ORLANDO DE OLIVEIRA

NÃO é novo o problema. Talvez que, logo que a divina Eva se apercebeu da melhor maneira de dominar o seu fiel Adão, arquitectou o plano de iniciar o ataque aos problemas com uma atitude de falsa vítima. Nessa postura ela metia as suas lágrimas (falsas, também) de permeio com a conversa e a vitória era-lhe fácil e totalmente assegurada.

Assim teria nascido o sufragismo feminino.

Do mesmo modo se teria mantido através das gerações e ao longo dos séculos, até chegar aos nossos dias.

Recordo-me de ouvir relatar um episódio burlesco em teatradas estudantis que vem em abono do que aqui afirmo.

Realizava-se um comício de mulheres em que a mais categorizada, a Presidente, iniciava o seu discurso com abracadabrante objurgatória:

Continua na página 3

Na Festa de SANTA JOANA

Na Catedral de Aveiro, o Bispo da Diocese, D. MANUEL DE ALMEIDA TRINDADE, proferiu, no penúltimo domingo, e no âmbito das festividades em honra da Padroeira, a expressiva homilia que, na íntegra, podemos dar à estampa, por deferência do nosso bom amigo José Naia; ele nos cedeu as laudas dactilografadas que obteve a partir de registo magnético em que fixou o brilhante improviso do venerando Prelado.

— *A heróica «teimosia» de D. Joana*
— *Epopeia cobardemente encerrada*
— *Mudança do feriado municipal*
— *Irmandade de Santa Joana Princesa*

Foi no ano de 1472 que D. Joana deixou o palácio real de Lisboa e veio para Aveiro. Fez há pouco cinco séculos. Para assinalarmos o facto construímos uma igreja, aqui, à beira da Cidade, na nova paróquia formada pelos lugares da Quinta do Gato, da Presa, do Solposto e de outros, que o nome de Santa Joana Princesa admiravelmente aglutinou. Uma igreja paroquial que necessidades pastorais tornaram necessária. O seu início coincidiu — feliz coincidência! — com a data em que celebrávamos o quinto centenário da chegada da Santa Princesa à nossa terra.

Nessa altura Aveiro não era uma cidade. Era uma pequena vila, vivendo uma vida precária. Não tinha o desenvolvimento que tem hoje. Foi até por essa razão — por ser uma terra pequena e quase desconhecida — que D. Joana a escolheu. Ela, que era filha de rei e irmã de um futuro rei, podia ter ficado noutro convento: no de Odivelas ou, mais perto de nós, no de Santa Clara de Coimbra, onde se guardavam os despojos da «Rainha Santa», D. Isabel de Portugal. Não faltavam mosteiros grandes e ricos. Mas D. Joana, que vencera o grande obstáculo da anuência do pai, não quis ficar a meio caminho. O que a atraía era o exemplo da pobreza do seu Mestre e Senhor. E esse exemplo encontrava-o ela, vivido à letra, no pobre e austero Mosteiro de Jesus, de Aveiro.

Na «colecta» da Missa há pouco recitada falava-se da *constância* da Santa Princesa. Se em tempos passados e ainda hoje um jovem e, particularmente, *uma* jovem têm dificuldade em deixar a casa paterna para se consagrar ao serviço de Deus e dos seus irmãos — há pais que não compreendem uma vocação desta natureza — uma filha de Rei tinha, neste ponto, ainda menos liberdade do que uma filha do povo. De facto, D. Joana teve de ser heróica na sua determinação para deixar Lisboa e a corte. E já depois de ter entrado no Mosteiro de Jesus não deixaram de vir bater-lhe à porta, com impertinente insistência, delegações reais e

Continua na página 3

PÁRA-QUEDISTAS

Dentro do plano de reestruturação, há muito previsto, da Força Aérea, passaram a estar instaladas, desde a penúltima quarta-feira, na Base Aérea n.º 7, em S. Jacinto, tropas Pára-Quedistas.

Estas forças operacionais são constituídas por uma Companhia, sob o comando de um Capitão.

Em S. Jacinto

BATE-PAPO NOS «PASSOS PERDIDOS»

— Terão sido mesmo passos perdidos?!

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE COIMBRA

Repartição Judicial

CITAÇÃO

2.ª Publicação

Pela Repartição Judicial desta Realção, correm éditos de TRINTA DIAS, a contar da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando CECÍLIA DE JESUS MARQUES DA COSTA, empregada doméstica, ausente em parte incerta da França e com último domicílio conhecido em Eirol, concelho e comarca de Aveiro, para, no prazo de DEZ DIAS findo o dos éditos, deduzir a oposição que tiver por conveniente ao Pedido de Revisão de Sentença Estrangeira n.º 9 367/24 167, feito pelo Requerente Armando de Jesus da Costa, motorista, e comarca de Aveiro, com os fundamentos de que por sentença transitada em julgado, proferida em 4 de Dezembro de 1975, no 2.º Juízo do Tribunal de Família do Tribunal de Grande Instância de Greteil, França, foi decretado o divórcio entre os ora Requerente e Requerida. A referida sentença estrangeira encontra-se em condições de ser revista e confirmada em Portugal pelo Venerando Tribunal da Relação de Coimbra, verificados que são os requisitos do art.º 1 096 do Código de Processo Civil.

Coimbra, 6 de Maio de 1977.

Verifiquei a exactidão

O Desembargador Relator,

O Escrivão,

a) *Elídio Póvoas*

LITORAL - Aveiro, 20/5/77 — N.º 1161

Na Festa de SANTA JOANA

Continuação da 1.ª página

representantes do povo, para a impedirem de professar. Mas ela foi constante — podiamos dizer a palavra: «teimosa», santamente teimosa — no sentido de se manter fiel ao chamamento de Deus e às suas mais profundas aspirações.

Durante dezoito anos aqui esteve, neste mosteiro pobre e humilde, vivendo uma vida apagada. O brilho, porém, das suas virtudes não escapava a quem com ela convivia. Em 1490 partiu desta terra para o céu, tendo a idade de 38 anos. Pode dizer-se que morreu na flor da vida.

Portugal iniciava nessa altura a grande gesta dos descobrimentos. Os nossos marinheiros, que tinham descoberto a Ilha da Madeira e, pouco depois, o arquipélago dos Açores, começavam a bordejar a costa africana.

Pouco antes de a Santa Princesa morrer chegavam eles à foz do rio Zaire. Tinha começado a grande epopeia. Não a explicam motivos meramente económicos. O espírito missionário era igualmente determinante. Se hoje há, nas terras longínquas da Índia e do Extremo Oriente, gente que agradece a Deus a fé cristã que professa, o nome dos portugueses anda envolvido nessa expressão de agradecimento. Foram portugueses os primeiros missionários da Índia, das Molucas (hoje parte da Indonésia), da China e do Japão.

Muitas coisas se passaram durante estes séculos: o início da epopeia, o apogeu e depois a decadência. Assistimos em nossa vida ao termo deste ciclo de cinco séculos. Temos pena que esta história tão grandiosa, que constituiria orgulho de qualquer grande nação, se tenha encerrado de maneira tão vil e cobarde. Éramos merecedores de um fecho mais digno.

* * *

Aveiro teve também a sua história. História de progresso. A vilazinha do século XV é hoje uma cidade que tem diante de si um grande futuro. Muitas pessoas ilustres aqui nasceram e aqui viveram. Não será desdoiro para ninguém dizer que, dentre as figuras que ao longo destes cinco séculos ilustraram a cidade de Aveiro, a mais ilustre é Santa Joana Princesa. Não só a mais ilustre, mas aquela que congrega à sua volta o consenso do povo. Aquela que não cria divisões. Aquela por quem o povo traz, entranhada no coração, a devoção. É assim a santidade!

Desta devoção do povo de Aveiro foram intérpretes as autoridades locais. A Câmara Municipal de Aveiro subscreveu o processo de beatificação iniciado na terceira década do século XVII. E quando, no final do século passado, o mosteiro esteve para ser vendido, foi ainda a Câmara Municipal que obstou a que isso acontecesse. E a razão invocada foi a seguinte: é que dentro das paredes do mosteiro se guarda a jóia mais preciosa que temos na cidade: o túmulo em que estão encerrados os restos mortais de Santa Joana Princesa.

Creio serem estes motivos de sobra para que, ao menos uma vez por ano, nos juntemos à volta deste túmulo, pedindo a intercessão daquela que é a Padroeira da Cidade e da Diocese de Aveiro. É-o por consenso do povo, mas é-o também por ratificação da Autoridade suprema da Igreja. Em 1965 o Papa Paulo VI, anuindo ao pedido do bispo de Aveiro e passando até por cima de uma lei geral da Igreja que não permite que uma simples beatificada seja constituída padroeira de uma cidade ou de uma diocese, declarou Santa Joana Princesa Padroeira da Cidade e da Diocese de Aveiro.

Celebramos hoje a sua festividade. O dia próprio seria o dia 12, que foi o dia da sua morte. Até há pouco esse dia era feriado municipal. Agora não é. Por isso a sua ceelbração litúrgica passa, como já aconteceu noutras circunstâncias, para o domingo imediato ao do dia 12 de Maio. Logo à tarde a imagem de Santa Joana Princesa percorrerá as ruas da Cidade numa procissão que desejamos seja devota e concorrida. Espero que as pessoas — desde que possam tomar parte — não fiquem à janela ou à porta, mas se incorporem na Procissão. Espero que Aveiro, que tem uma tão bela tradição de processões litúrgicas, que causam a admiração de outras terras, não se desdiga da sua tradição. Que a nossa participação nesta manifestação pública de fé seja uma súplica ardente à nossa Padroeira para que vele por cada um de nós e pela comunidade citadina e diocesana a que pertencemos. É este o papel daqueles amigos de Deus que se chamam os Santos.

* * *

Uma palavra sobre a Irmandade de Santa Joana Princesa. Faz precisamente este ano um século que ela foi instituída. E foi-o por duas razões. A primeira, para servir de suporte jurídico a valores existentes no mosteiro, que acabava de ser secularizado. A segunda, para que em Aveiro não faltasse um grupo de pessoas que tomasse à sua conta a promoção do culto da Santa Princesa.

Também estas instituições — Irmandades e Confrarias — sofrem as vicissitudes do tempo. Eu faço um apelo aos cristãos de Aveiro para que, associando-se aos membros existentes, dêem cada vez mais vida a esta benemértia instituição. Longe de pensar que associações desta natureza hão-de ser tragadas pela voragem dos tempos, estou convencido de que lhes será reservada uma missão imprescindível: reunir os crentes à volta de ideais colectivos que não se confinem apenas ao do pão para a boca. O homem tem uma dimensão espiritual e religiosa. Esquecê-la ou amputá-la seria o mesmo que amputar as asas aos seres que foram feitos para voar. A condição de sobrevivência das Irmandades e Confrarias está em que se renovem e revitalizem. É isto o que desejamos da Irmandade de Santa Joana Princesa.

VAMOS TRAIR HOMEM CHRISTO?

Continuação da 1.ª página

a sua inviabilidade prática. E fico perplexo, ao ver a impaciência de alguns com a demora do projecto.

Homem Christo defendia-nos, exaltando que somos «uma raça especialíssima, absolutamente característica». Daqui também a nossa resistência e o nosso inconformismo à solução, que poderá ser tomada em breve, de se acabar com o Distrito de Aveiro. Considero-a um autêntico delírio. Quanto não voltaria a sofrer Homem Christo, se, com a sua eloquência, voltasse de novo a escrever!

Como os algarvios, que vão meter ombros à tarefa de transformar o seu Distrito de Faro numa Região Administrativa, exijamos a criação da Região Administrativa de Aveiro, decalcada nos limites territoriais do Distrito, com os seus dezanove concelhos e as suas duas cidades, já que o sangue do povo irmão de Espinho à Meahada é só um, e o seu valor económico igualmente um só.

Temos homens no Distrito inteiro para estudar, para programar, para dirigir, para realizar. Homens com capacidade técnica e com espírito criador. Deviamos envaidecer-nos com a contribuição que damos para o desenvolvimento do País; uma vaidade que nos estimula a aperfeiçoar o mais possível a nossa acção.

Importa não esquecer as raízes mais profundas do Distrito de Aveiro, antes de se destruir mais um marco positivo e exemplar.

Faço, por isso, um apelo muito especial, e urgente, aos Aveirenses, para que nos unamos em defesa dos limites do Distrito de Aveiro.

Sem a sua existência, o valor da nossa cidade será fortemente negativo.

Lutemos!

Teremos um grande patrono connosco — Homem Christo.

E tenhamos Fé!

MANUEL BÓIA

Pedras venerandas que urge salvar

Continuação da 1.ª página

sentar uma fenda, na junção da coluna com a base; todo ele abanava e, com uma rajada de vento mais forte ou com um encosto mais descontrolado, podia tornar-se num monte de pedras partidas. Se tal não aconteceu, foi porque o «Litoral», pela pena do seu Director, lançou a tempo um brado salvador: — «O magnífico Cruzeiro gótico-quinhentista do adro da Sé, de rara traça, espécime dos mais valiosos do património artístico nacional, vai cair! Vai desfazer-se!»

Por esse oportuno apelo e pelos ecos que despertou, este semanário tornou-se benemérito dos valores aveirenses — como de outras vezes e noutras circunstâncias. Mas não só: o Dr. David Cristo também solicitamente se deu ao trabalho de promover que urgentemente fossem tomadas medidas para se evitar a possível e irreparável perda daquelas pedras venerandas. Dessa forma, o Cruzeiro foi salvo, ligando-se com segurança a coluna à base e libertando-se assim do perigo iminente.

Todavia, já há onze anos se disse e se escreveu que o trabalho então realizado era apenas provisório, porque o monumento deveria ser retirado do local, onde ainda se encontra, e guardado em sítio onde pudesse ser defendido. E na mesma data se alvitrava: que se recolha no vizinho Museu; mas logo alguém retorquia: — E por que não na Catedral? Ficaria ali no lugar e ambiente próprios.

Foi assim que em 1966 se defendeu o Cruzeiro: a sua salvação ficou a dever-se ao «Litoral» e, sobretudo, ao seu Director, aplaudidos e acompanhados pelo «Correio do Vouga» e por outra Imprensa diária. Hoje, como então, não se pode compreender que se perca tempo, enquanto as pedras se desfazem, que se gaste dinheiro em foguetes, enquanto não se olha a sério para os padrões da Fé e da Arte. Ninguém quer que suceda ao Cruzeiro de S. Domingos o que aconteceu ao do Espírito Santo, também manuelino, ao de Nossa Senhora da Alegria, do século XVI, ao portal do Senhor das Barrocas, da era de setecentos, ao pelourinho do Rossio, aos brasões, aos templos arruinados ou demolidos. Isso não vai acontecer, tanto mais que se sabe que até há particulares que já se comprometeram a contribuir substancialmente para as despesas da transferência do Cruzeiro de S. Domingos, no caso de ele ficar na Catedral de Aveiro, que pode agora receber condignamente esta relíquia. E, se ele é um objecto religioso bem próprio de ocupar um lugar de relevo nas assembleias cristãs, por que não dar-lhe um sítio conveniente na Liturgia? Assim, sem perder o carácter de monumento nacional, seria jóia a admirar pelos amigos da Arte e da História e relíquia a venerar pelos crentes.

Mas aqui... têm a palavra a autoridade eclesiástica e os respectivos técnicos oficiais.

JOÃO GONÇALVES GASPAR

NEO-SUFRAGISTAS

Continuação da 1.ª página

— Minhas boas Amigas!

Continuava com voz de soprano em falsete:

— Eu venho aqui falar-vos para mais uma vez protestar contra esse bicho feio chamado HOMEM... (fingia cuspir, nauseada).

Nesta altura entrava na sala um soldado, impedido de um capitão, que lhe entregava uma carta e ela, voltando-se novamente para as assistentes, concluía:

— Desculpai-me, minhas boas Amigas, mas tenho que retirar-me imediatamente para um encontro com o meu Noivo!

Duas conclusões:

a) — Já nesse tempo o estado de capitão era altamente explosivo;

b) — A nossa Presidente dizia precisamente o contrário do que sentia com o único propósito de conquistar os votos (sufrágios) das suas ouvintes.

Afinal... «nihil novi sub sole».

Já noutra ocasião, aquando da tumultuosa Patuleia, os mais «solenes e esforçados varões de Entre Douro e Minho» foram acompanhados por uma mulher que acabou por dominar os acontecimentos e deu origem à conhecida quadra:

> Viva a Maria da Fonte
> De nome tão magestoso
> Em Fonte Arcada nascida
> Do concelho de Lanhoso

Esta mulher comandava um numeroso grupo feminino, altamente animador dos referidos solenes e esforçados varões, constituindo o mulherio regougante a que Camilo chamou as valquírias de tamancos.

Outro exemplo do mesmo jeito seria o da nossa Antónia Rodrigues que escondeu encantos e ademanes sob a farda de soldado para combater ao seu lado e conquistar as suas boas graças.

Estas qualidades (defeitos?) femininas vêm-se mantendo sempre, certamente por não ter havido degradação dos cromossomas ou dos genes a quem compete a respectiva hereditariedade.

Foi certamente por isso que há cerca de dois anos esteve marcado um encontro de mulheres sufragistas em Lisboa, sob os olhares severos do Marquês de Pombal que do alto da coluna sustentadora da sua estátua impôs a uns tantos homens a obrigação de acabar com aquela cegada. Estes homens e também algumas mulheres venceram as sufragistas pelo ridículo, levando para o local do encontro abundantes peças de vestuário íntimo feminino e volatilizando a prevista manifestação.

E aqui está como, como estes exemplos, e outros tantos se poderiam arranjar, se prova que as mulheres sempre dominaram o mundo mas não conseguiram libertar-se dos seus íntimos desejos de teatralidade e exibicionismo. Abrem-se ao mundo, não para conquistar as vitórias, mas antes para terem o prazer de mostrar com esplendor a satisfação dos seus triunfos.

Quem o diz?

Uma mulher! Esther Vilar, médica, de origem argentina, escreveu um livro, «O Homem domado» de que vendeu 2 milhões de exemplares. Isto foi em 1971, mas agora escreveu um outro, «O fim da domesticação — modelo para uma nova masculinidade».

Diz ela: «Não é o homem que domina a mulher, mas sim a mulher que explora o homem».

E justifica: «As mulheres são preguiçosas. Deixam que os homenes trabalhem para elas, que pensem por elas, que se responsabilizem por elas».

Foi até o ponto de, em 1975, Ano Internacional da Mulher, enviar ao secretariado da ONU uma nota de protesto em que declarava: «Se alguém merece um ano comemorativo, esse alguém é o homem».

Conclusão: Para quê mais imposturices ou sufragismos?

ORLANDO DE OLIVEIRA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Sexta	AVEIRENSE
Sábado	AVENIDA
Domingo	SAÚDE
Segunda	OUDINOT
Terça	NETO
Quarta	MOURA
Quinta	CENTRAL

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

ESCOLA PREPARATÓRIA DE JOÃO AFONSO DE AVEIRO

Com a aproximação das provas globais finais do 2.º ano, resolveu o Conselho Pedagógico, sob proposta do Conselho Directivo, fazer reuniões para esclarecimento das famílias dos alunos da Escola Preparatória de João Afonso de Aveiro.

Estes encontros realizaram-se já na Gafanha da Nazaré e nesta cidade, estando marcado novo encontro para hoje, dia 27, na Oliveirinha (Salão Paroquial), com início às 21.30 horas.

SÃO NECESSÁRIOS MAIS CONTENTORES PARA LIXOS NO LARGO DO MERCADO

Pediram-nos para nos fazermos eco, nas colunas do *Litoral*, duma urgente necessidade citadina, com vista à desejada limpeza e à salubridade da nossa terra.

Aproxima-se a quadra de verão, o tempo quente, que maior acuidade virá trazer ao caso que nos referimos: designadamente no Largo do Mercado (zona onde passam muitos visitantes e onde se situam muitos restaurantes), há carência de contentores para recolha dos lixos — o que, por certo, poderá constituir ameaça grave para a saúde pública, para além do aspecto de sujidade que proporcionará, quando os detritos de vária ordem (restos de comidas, restos de animais e restos de vegetais) extravasarem o único contentor existente naquele largo e ficarem espalhados pelo chão.

Apresentamos o caso às entidades competentes, confiantes em que os respectivos serviços camarários estudem e resolvam o problema, com a necessária brevidade.

III FEIRA DO LIVRO DE AVEIRO

No passado dia 25, teve o seu início, na Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, a «III FEIRA DO LIVRO DE AVEIRO», que estará patente ao público nos períodos das 18 às 23 horas e, aos sábados e domingos, das 15 às 23 horas.

O encerramento deste certame será em 6 de Junho próximo.

Tem o patrocínio da Câmara Municipal de Aveiro e é iniciativa dos livreiros desta cidade.

II PRÉMIO DO BAIRRO DO ALBOI EM ATLETISMO

O «GRUPO DO BAIRRO DO ALBOI» vai levar a efeito, no próximo domingo, dia 29, às 10 horas, no Largo do Conselheiro Queirós, uma festa dedicada à Juventude, denominada «II PRÉMIO DO BAIRRO DO ALBOI EM ATLETISMO», para crianças até aos 14 anos de idade.

Durante este convívio, serão distribuídas a todos os participantes lembranças comemorativas desta prova, além de outros prémios.

EXPOSIÇÃO DE LIVROS FRANCESES DE ECONOMIA

De 30 de Maio corrente a 4 de Junho, no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Aveiro, a SODEXPORT-GREM apresentará uma recente selecção de livros técnicos franceses.

Durante a Exposição, além das obras que poderão consultar livremente, os visitantes têm à sua disposição um catálogo especialmente impresso para esta manifestação, que será distribuído gratuitamente, bem como os catálogos editados pela SODEXPORT-GREM, e também os dois principais Editores especializados.

Para as encomendas de livros ou assinaturas das revistas, devem os visitantes dirigir-se à recepção, onde um representante de uma livraria especializada estará presente.

Esta exposição está aberta ao público das 15 às 19 horas.

Mais um Convívio dos VIAJANTES PORTO-AVEIRO

No pretérito sábado, 21, efectuou-se o «V Convívio de Amizade dos Viajantes Porto-Aveiro», na sequência de uma iniciativa começada em Maio de 1971.

De manhã, no campo de jogos de Paula Dias & Filhos, realizou-se um animado encontro de futebol, tendo saído vencedores os aveirenses por 5-1: foi a primeira vitória (houve já um empate) que os de Aveiro alcançaram ao longo destas já tradicionais confraternizações.

Os viajantes (cerca de sete dezenas, sendo que se encontravam também dois de Coimbra) reuniram-se, depois, em animado almoço, no Hotel Imperial. No fim, foram entregues, entre calorosos aplausos, duas faianças-taças; e usaram da palavra Joaquim Gomes («O Padrinho»), Avelino Ferreira de Oliveira, Manuel Rocha, António Pacheco, Daniel Malheiro, Hermínio Horta e Martiniano Correia; este leu uma moção em que se preconizam novos convívios, preferentemente, em alternância, no Porto e em Aveiro.

Os viajantes tiveram, uma vez mais, a amabilidade de convidar para a sua mesa o director do «Litoral», que, ali, lhes agradeceu a deferência, sublinhando o significado destes salutares e exemplares encontros.

INSCRIÇÕES NA ESCOLA DO ENSINO PRIMÁRIO

Todos os sábados, de 21 de Maio a 16 de Junho próximo, das 9 às 12 horas, encontram-se abertas as inscrições para os alunos que pretendam ingressar, pela primeira vez, nas Escolas do Ensino Primário. Deverão inscrever-se todas as crianças que completem 7 anos até 31 de Março do ano lectivo corrente e poderão também fazê-lo as que completem 6 anos até 31 de Dezembro.

QUEM PERDEU ?

Na Secretaria do Comando da P.S.P. desta cidade, encontram-se os seguintes objectos e valores, achados na via pública, os quais serão entregues a quem provar pertencer-lhe: certa importância em dinheiro; 1 roda completa de automóvel; 3 porta-moedas com certa importância; 1 tampão de automóvel; porta-chaves; 1 camisola de lã vermelha; 1 chapa de matrícula de velocípede; 1 cartão de futebol; e 3 fotografias em nome de ANTÓNIO PEREIRA DOS REIS.

GRUPO DE TEATRO DO ORFEÃO DE ÁGUEDA

● O Grupo de Teatro do Orfeão de Águeda esteve presente, no passado dia 21, em Vila Nova de Gaia, com o seu trabalho «Filopopolus», de Virgílio Martinho, encenado por José Júlio Fino, integrado no 2.º Maio/Teatral (Festival de Teatro organizado pelo Teatro 5 de Vila Nova de Gaia).

O espectáculo foi entusiasticamente aplaudido, de pé, pela numerosa assistência, embora suscitasse, depois, no colóquio que se seguiu, profundas controvérsias e polémica viva.

● «As Mãos Sujas», de Jean Paul Sartre, continuam em ensaios e a sua estreia está prevista para fins do próximo mês de Junho.

● Está em estudo a possibilidade de ser encenada a peça, de Luís Francisco Rebelo, «O Dia Seguinte», por um dos elementos saídos do Curso de Encenação realizado no Grupo de Teatro do Orfeão de Águeda, sob a direcção de José Júlio Fino. O trabalho deverá estar a cargo de Diamantino Coutinho.

AGRADECIMENTO

Etelvina Henriques dos Santos

Sua família, impossibilitada de o fazer pessoalmente, por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar pelo falecimento da saudosa extinta, pedindo desculpa por qualquer falta involuntariamente cometida.

CARTAZ DOS ESPECTÁCULOS

— Teatro Aveirense

Sábado, 28 — às 15.30 e 21.15 horas — ARQUIVO SECRETO — não aconselhável a menores de 18 anos.

Domingo, 29 — às 15.30 e 21.15 horas; e *Segunda-feira, 30 — às 21.15 horas* — OS SETE GOLPES DO DRAGÃO — interdito a menores de 18 anos.

— Cine-Teatro Avenida

Sexta-feira, 27 — às 21.15 horas — LOUCURAS PORNO — Interdito a menores de 18 anos.

Sábado, 28 — às 15.30 e 21.15 horas; Domingo, 29 — às 15 e às 21.30 horas; e *Segunda-feira, 30 — às 21.15 horas* — DELÍCIAS TURCAS — Interdito a menores de 18 anos.

Domingo, 29 — às 17.30 horas — Matinée Clássica — O TERCEIRO HOMEM — Para maiores de 17 anos.

Totobolando

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 40 DO «TOTOBOLA» ★

5 de Junho de 1977

1 — Riopele - Marítimo	1
2 — Espinho - E. Portalegre	1
3 — Guimarães - Leixões	1
4 — Braga - Varzim	1
5 — Beira-Mar - Académico	1
6 — Porto - Boavista	1
7 — Benfica - Belenenses	1
8 — Estoril - Sporting	2
9 — Atlético - Setúbal	X
10 — Portimonense - Montijo	1
11 — Famalicão - Gil Vicente	1
12 — Almada - Barreirense	X
13 — Farense - Juventude	1

SPORTING CLUBE DE AVEIRO

Assembleia Geral Ordinária

AVISO CONVOCATÓRIO

Usando da faculdade conferida pelo Art.º 40.º dos Estatutos, convido todos os sócios do SPORTING CLUB DE AVEIRO a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária na Sede do Clube, no próximo dia 3 de Junho, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Deliberar sobre quaisquer assuntos de interese para o Clube;

2.º — Apreciar o Relatório e Contas e respectivo Parecer do Conselho Fiscal;

3.º — Discutir e deliberar sobre a alteração do Art.º 34.º, § 1.º, dos Estatutos;

4.º — Proceder à eleição dos Corpos Directivos que hão-de orientar os destinos do Clube na Gerência seguinte.

De harmonia com o preceituado no § único do Art.º 35.º dos Estatutos, a Assembleia funcionará, em 1.ª convocação, com a presença absoluta dos sócios, podendo funcionar uma hora depois, em 2.ª convocação, com qualquer número.

Aveiro e Sede do SPORTING CLUB DE AVEIRO, 21 de Maio de 1977.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

a) *Francisco Soares Pinheiro*

MANUTENÇÃO MILITAR

SUCURSAL EM COIMBRA

CONCURSO PÚBLICO

Faz-se púbico, que para o 3.º trimestre de 1977, e à semelhança do trimestre anterior, leva-se a efeito uma única sessão para arrematação de CARNES, PEIXES, OVOS, VINHOS, FRUTAS, PRODUTOS HORTÍCOLAS E OUTROS GÉNEROS, destinados às Guarnições de Coimbra, Águeda, Aveiro, Figueira da Foz, Guarda e Viseu, a qual terá lugar na Sucursal de Coimbra, no dia 1/6/77, com início às 10 horas, devendo para o efeito as propostas serem entregues na Secretaria da referida Sucursal em Coimbra, até às 9 horas do mesmo dia.

Chama-se a atenção dos fornecedores interessados, que deverão obrigatoriamente consultar o caderno de encargos e respectivas especificações, os quais se encontram patentes nas Secretarias da Sucursal de Coimbra e suas Delegações.

Pel'O CHEFE DA SUCURSAL,

a) *José Martins de Freitas*

Ten. Coronel

Não aconteceu...

Continuação da última página

Badalariam as treze no campanário da igreja. Hora da minha refeição, do meu convívio familiar, do esquecer da vida e dos afazeres de sempre. Meu filho, com seis anos talvez, à mesa como eu, abriu a janela e, ao ver um homem de roupa ponteada, botas sujas pela lama pegajosa dos caminhos e com um saco às costas, não hesitou em dizer:

— Vá com Deus! Hoje não leva esmola!

Se bem que o «Frade» estivesse avisado de que não deveria bater à minha porta àquela hora, mesmo assim, dei um berro a meu filho. Fiz-lhe notar que um mendigo se não trata assim. Vá com Deus? Mas Deus nunca responderia com tais modos... A ninguém, e a um mendigo muito menos... E ao «Frade» — ao meu «mendigo» de longos meses — nunca... Vá com Deus? Buliram-me os nervos... Triste fiquei... E o «mendigo», fingindo nada ouvir, entrou-me pela porta dentro! «Mendigo» que, desta vez, não era o «Frade», mas sim um colega meu, distintíssimo médico especialista, a quem devo incontáveis atenções, com tal valia que se não pagam com a malga de caldo, com o naco de pão e com o copo de bom parreirol das cepas de Fermelã, afinal com a esmola pobre da minha casa. À semelhança do «Frade», também o meu colega trajava roupa velha e botas enlameadas, trazendo às costas um saco, não de esmolas é certo, mas com cogumelos apetitosos que apanhara nos pinhais das bandas serranas do Caramulo. Como o «Frade», trazia fome, querendo uns pedaços de carne para guizar com os seus cogumelos serranos, antevendo assim uma petisqueira de estalo, que só findasse ao badalar das trindades, à mistura com uns momentos de cavaco salutar. Assim foi. Grato lhe fiquei. Horas depois, entardecendo já, no abraço amigo da despedida, pedi ao «mendigo», afinal ao meu distintíssimo colega e velho amigo, que me batesse à porta, mas sempre à hora do almoço...

«Não aconteceu» hoje dele me esquecer. E dos cogumelos também não!

ARAÚJO E SÁ

ACHOU-SE

Porta-moedas, na cabine telefónica, junto ao Banco Português do Atlântico.

Informa-se pelo telefone n.º 25247, nesta cidade.

VIVENDA

Vende-se, nos arredores de Aveiro, com quintal e jardim, de construção recente.

Tratar pelos telefs. 27320 e 94123, no horário de expediente, e 94450 (residência).

Acerca de "Os Amores de Napoleão"

Continuação da última página

do coração nunca preocuparam influentemente esse homem de espartana dureza e fanática devoção às suas prementes obrigações de general e governante.

Também não devem esquecer os orgulhosos ingleses que o jovem comandante supremo dos exércitos da Itália viria a demonstrar rapidamente, nos campos de batalha de Montenotte, Dego, Millesimo, Mondovi, Lodi, Castiglione, Arcole, Rivoli, a presciência de quem lhe cometera o pesado encargo. Enquanto os estandartes aprisionados aos regimentos austríacos — a monte, sempre, com o lauto produto do saque operado a ferro e fogo nas cidades e planícies transalpinas — chegavam a Paris quase todos os dias, o povo saudava entusiasticamente a morena Josefina como «Nossa Senhora das Vitórias», por onde quer que ela aparecesse nas suas lânguidas passeatas.

O bom negócio — que o houve — adivinhara-o e fizera-o ela.

Manda o rigor da História que se credite a Barras — depravado, ocioso, fútil, mas inteligente e arguto — a ideia de investir no comando italiano o general cujo engenho e vertiginosa eficácia tivera ocasião de admirar, um tanto pasmado, na repressão do grave motim realista do 13 Vendimário (uma revolta ameaçadora, que abanou de rijo a caduca e já depreciada Convenção). A lembrança, porém, não se liga em nada ao casamento com Josefina.

É-nos impossível antever o que inventarão e trocarão os ingleses nos próximos episódios. De qualquer forma, e como prevenção para os caros leitores, convém citar de imediato o capacíssimo Evgueni Tarlé (provavelmente o historiador que, até hoje, com maior probidade e competência estudou o fenómeno napoleónico):

Nem Josefina, nem Maria Luísa de Áustria, nem a senhora de Rémusat, nem a senhora George, nem a Condessa Walewska, nem nenhuma das mulheres com quem Napoleão viveu em intimidade conseguiram exercer qualquer influência sobre ele; nem sequer o tentaram, pois compreenderam logo a sua natureza indomável, despótica».

Voltaremos ao assunto.

JORGE MENDES LEAL

DAR SANGUE É UM DEVER

CARTÓRIO NOTARIAL DE VAGOS

Saramago & Ramos, L.da

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 17 de Maio de 1977, exarada de fls. 93 v.º a 95, do livro de notas para escrituras diversas n.º A-62, do Cartório Notarial de Vagos a cargo do Notário, Lic.º António Joaquim Marques Tavares, os sócios da Sociedade Raposeiro & Raposeiro, L.da, com sede na cidade de Aveiro, na rua Calouste Gulbenkian, n.º 45 mudaram a firma referida da sociedade para a firma SARAMAGO & RAMOS, L.da e por consequência desta alteração o artigo 1.º do pacto social pasou a ter a seguinte redacção:

ARTIGO PRIMEIRO: — A sociedade adopta a firma SARAMAGO & RAMOS, L.da, e tem a sua sede na cidade de Aveiro na rua Calouste Gulbenkian, n.º 45.

Está de conformidade com o original e na parte omitida nada há em contrário ou além do que aqui se narra ou transcreve.

Cartório Notarial de Vagos, 17 de Maio de 1977.

O AJUDANTE,
a) *António Rodrigues*

LITORAL - Aveiro, 27/5/77 — N.º 1162

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª Publicação

No dia 8 de Junho próximo, proceder-se-á arrematação, em haste pública, dos bens móveis a seguir indicados arrolados nos autos de Falência 71/73 em que é falido Adriano Casqueira Pires que teve a sua casa comercial de fotografia — Filmicor, na Rua José Estêvão, desta cidade de Aveiro.

Os bens serão entregues a quem maior lanço oferecer acima do valor por que serão postos em praça e os mesmos encontram-se no rés-do-chão da casa sita na Rua Arcebispo Bilhano, n.º 136, da vila de Ílhavo, onde a arrematação se efectuará.

Para examinar os mesmos bens móveis deverá ser contactado o administrador da massa falida pelo telefone 25776 entre as 9 e as 11 horas e entre as 14.30 e as 15 horas.

BENS A ARREMATAR

N.º 1

Uma estante para pastas de arquivo, em pinho, uma secretária em outra madeira e um pequeno balcão também de madeira.

N.º 2

Um candeeiro de mesa, um cinzeiro em vidro, um agrafador, um fura papel de escritório e um pequeno móvel em plástico para colocar papéis.

N.º 3

Uma mesa pequena, uma cadeira ambos em pinho e um candeeiro de mesa cromado.

N.º 4

Quatro caixilhos para fotografias, dois pequenos móveis para arquivo de rolos fotográficos, dezanove caixas de papel para fotografia (amplicópias), outras oito caixas de medidas diferentes, três envelopes com papel fotográfico mas com número de folhas que não foi possível contar por ser papel sensível à luz.

N.º 5

Uma mesa em pinho, uma lâmpada florescente com armadura em pinho.

N.º 6

Uma banca em mármore e dois garrafões.

N.º 7

Três reflectores, um aparelho electrónico «majurette» MK-3 com três cabeças e uma delas sem suporte, um aparelho para projecção de luz fabrico Alemão e com duas cabeças; uma girafa eléctrica; quatro lâmpadas florescentes, uma mesa estante, uma mesa semi-redonda e um aparelho.

N.º 8

Uma máquina fotográfica marca «Universal» 3x18 com a respectiva objectiva, outra máquina marca «Linhof» com três objectivas um para sol e ainda três anilhas para filtro bem como um filtro tendo ainda um adaptador Super Rolexe bem assim um tripé.

N.º 9

Uma máquina fotográfica «Rolleicord» 6x6.

N.º 10

Uma balança pequena e cinco guilhotinas, duas delas inutilizadas.

N.º 11

Um aparelho amplificador automático «Primus» 6x9 com duas objectivas. Um outro amplificador 9x12 com uma objectiva marca «anaca» sendo a respectiva marca Scheeider 1:4, 5/135; um outro aparelho ampliador 6x9 marca Magnifax com duas objectivas. Uma prensa para fazer fotografias 13x18 com o respectivo relógio marca «Hamen». Seis vazilhas covetes para banhos fotográficos, dois tanques para revelação de chapas e o seu respectivo intermediário para películas. Duas bancas em mármore e dois funis em plástico e ainda algumas caixas com cerca de cem folhas de papel sensível para fotografias e finalmente dois marginadores.

N.º 12

Um lavador em plástico, um espremedor com rolo de borracha, um filtro para água e ainda três estantes pequenas em fraca madeira.

N.º 13

Uma pequena estante na parede para exposição de fotografias, uma moldura dourada, um banco para três pessoas um pequeno balcão envidraçado, um banco em plástico e uma caixa registadora marca «Ugin».

Aveiro, 17 de Maio de 1977.

O SINDICO DE FALÊNCIAS

a) *Francisco Matos Manso*

O ADMINISTRADOR DA MASSA FALIDA

a) *Matias Martins Gomes Soares*

LITORAL - Aveiro, 27/5/77 — N.º 1162

TERRENOS COMPRAM-SE

Terrenos para construção, sendo um com área de 1.000 m2 aproximadamente «moradia», e outro com área acima de 2.000 m2 «para indústria».

Os interessados devem dirigir-se à Redacção do nosso Jornal, ao n.º 30, indicando áreas, locais e preços.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE AVEIRO

ANÚNCIO

2.ª publicação

Proc. 38/77 — 1.ª Secção

No dia 13 de Junho, às 11 horas, no Tribunal desta comarca, nos autos de carta precatória para venda, vinda do 1.º Juízo Cível do Porto e extraída dos autos de execução de sentença que a exequente José Pinto de Magalhães & C.ª, Sociedade Comercial em nome colectivo, com sede na Rua do Almada, 273, Porto, move contra os executados António Martins Vieira de Castro e mulher Camila da Conceição Teixeira Nogueira, ele industrial e ela doméstica, residentes na Vila da Folsa, desta cidade, hão-de ser postas em praça para se arrematarem pelos seus valores nominais as quotas adiante indicadas, das quais são depositários respectivamente o executado marido da Sociedade Industrial de Metalização Central Aveirense, L.da — SIMECA; e da Firma Castro, Marques & Nogueira, L.da, o seu sócio gerente Jerónimo de Moura Nogueira.

«A quota do valor nominal de 65 000$00 que o executado marido possui na Sociedade Industrial de Metalização Central Aveirense, — SIMECA, com sede no Canal de S. Roque — Aveiro; e

«A quota do valor nominal de 50 000$00 que o mesmo possui na firma «Castro, Marques & Nogueira», L.da, com sede na Estrada Nova do Canal — Aveiro».

Aveiro, 9 de Maio de 1977.

O JUIZ DE DIREITO,

a) *Francisco Silva Pereira*

O AJUDANTE DE ESCRIVÃO

a) *José Barros*

LITORAL - Aveiro, 27/5/77 — N.º 1162

Informação Desportiva

Circunstâncias diversas impedem-nos, neste número, de publicar a nossa habitual secção de DESPORTOS — pelo que ficam, para divulgação em subsequentes edições do Litoral **(e dentro da actualidade que as notícias possam ainda ter para os leitores) os registos das competições e dos acontecimentos ocorridos no decurso das últimas semanas, juntamente com os que, entretanto, se verifiquem nos próximos dias.**

Indicamos, porém, em jeito de cartaz para este fim-re-semana, a série de realizações desportivas marcadas para Aveiro, amanhã (sábado) e no domingo, dentro das seguintes modalidades:

ANDEBOL DE SETE — Campeonato Nacional de Juniores — Zona Norte: **Porto - Académica de S. Mamede e BEIRA-MAR - Francisco d'Holanda (a partir das 17 horas de sábado, no Pavilhão do Beira-Mar).** Taça de Portugal — 1.ª Eliminatória: **S. BERNARDO - - At. Balio (sábado, às 21.30 horas)** e **BEIRA-MAR - Lousanense (domingo, às 18.30 horas).**

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional de Juniores — Zona Norte: **GALITOS - Gaia e SANJOANENSE - BEIRA-MAR** (ambos no sábado, pelas 18 horas).

CICLISMO — II Prémio «Heliflex» — **Sábado, com início às 15 horas, 1.ª etapa, entre Sangalhos e Ílhavo, num total de 150 kms. Domingo, com partida às 8.30 horas, 2.ª etapa, entre Ílhavo e Anadia, num total de 135 kms.**

A prova, reservada a ciclistas seniores de 1.ª e 2.ª, é organizada pela Associação de Ciclismo de Aveiro, com colaboração e patrocínio da firma Heliflex Portuguesa (Tubos Flexíveis), Lda.

FUTEBOL — Campeonato Nacional da I Divisão — **Domingo, às 16 horas, BEIRA-MAR - Leixões, no Estádio de Mário Duarte.**

EMPRESA DE PESCA DE AVEIRO, S.A.R.L.

Relatório, Balanço e Contas do Exercício de 1976

No anúncio com o título aqui em epígrafe, publicado no n.º 1 160 deste semanário, com data de 13 de Maio corrente, saíram, por erro de revisão, alguns lapsos, agora detectados, dos quais daremos, no próximo número deste jornal, a devida rectificação.

ESTABELECIMENTO

Toma-se de aluguer ou por trespasse, no centro da cidade de Aveiro, com a área aproximada de 500 m2.

Resposta para: Custódio Almeida, Rua 31 de Janeiro, 29 — Aveiro.

VENDA DIRECTA

COSMÉTICA

Precisa-se: senhoras com boa apresentação, presença e vontade de trabalhar nos tempos livres ou a tempo inteiro. Para todo o Distrito de Aveiro. Resposta a este jornal, ao n.º 28.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E TECNOLOGIA

Direcção-Geral dos Combustíveis

EDITAL

Eu, Artur Mesquita, engenheiro-chefe da Delegação da Direcção-Geral dos Combustíveis:

Faço saber que INSTITUTO DE OBRAS SOCIAIS, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gases de petróleo liquefeitos, com a capacidade aproximada de 4 480 litros, sita na freguesia da Torreira (Colónia de Férias da Torreira), concelho da Murtosa, distrito de Aveiro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições dos Decretos n.ºs 29 034, de 1 de Outubro de 1938 e 198/70, de 24 de Abril que regulamentam a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas dos Decretos n.ºs 36 270, de 9 de Maio de 1947 e 422/75, de 11 de Agosto que aprovam o Regulamento de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas a apresentar por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e a examinar o respectivo processo nesta Delegação, situada na Rua do Dr. Alfredo de Magalhães, n.º 68-3.º Dt.º, no Porto.

Porto, 12 de Abril de 1977.

O ENGENHEIRO-CHEFE DA DELEGAÇÃO,

a) *Artur Mesquita*

LITORAL - Aveiro, 27/5/77 — N.º 1162

CENTRO DE SAÚDE MENTAL DE AVEIRO

AVISO N.º 1/77

Torna-se público que se encontra aberto, a partir do dia 31 de Maio e pelo prazo de dez dias, concurso para admissão do seguinte pessoal:

2 — Enfermeiros/as de 2.ª classe

4 — Enfermeiros/as de 3.ª classe

Os requerimentos deverão ser dirigidos à Comissão Instaladora acompanhados do curriculum».

ESTALEIROS NAVAIS

MANUEL MARIA BOLAIS MÓNICA, S. A. R. L.

Assembleia Geral Extraordinária

Convoca a Assembleia Geral de Estaleiros Navais Manuel Maria Bolais Mónica, S.A.R.L., a reunir, extraordinariamente, na sua Sede Social, na Gafanha da Nazaré, em 18 de Junho do ano corrente, com a seguinte ordem de trabalhos:

«Deliberar sobre a cedência dos seus terrenos e instalações fabris à Junta Autónoma do Porto de Aveiro, nos precisos termos da proposta-variante apresentada em concurso público perante aquele organismo pelo accionista Estaleiros São Jacinto, SARL, em seu nome e em nome da nossa Sociedade».

Gafanha da Nazaré, 12 de Maio de 1977.

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

a) *Domingos Vaz Pais*

Supermercados Cortiço Dourado, s. a. r. l.

Senhores Accionistas:

Cumprindo as disposições legais e estatutárias, incumbe ao Conselho de Administração apresentar o Relatório, Balanço e Contas do Exercício do ano de 1976.

Como apontávamos em 1975, foram tomadas várias disposições tendentes a uma reconversão dimensional mais perfeita da Empresa, em procura de resultados que aliceraçassem o seu futuro.

Nesta linha de actuação, achou-se por bem trespassar a nossa Loja de Esgueira e encerrar — à espera de poder ser transaccionada — a nossa Loja de Ílhavo. Também em número de trabalhadores — e não esqueçamos o peso dentro dos condicionalismos legais, nomeadamente, com a ausência de despedimentos.

Se é certo que a situação da Empresa melhorou sensivelmente, não foi, no entanto, possível ainda este ano, levá-la à posição que todos nós almejamos. Esperamos consegui-lo, e consegui-lo-emos, com certeza, se mantivermos a mesma linha de conduta.

Analisando o desenvolvimento de Contas respeitantes ao exercício em apreço, verifica-se uma diminuição de 4,9% nas «Despesas Gerais», (menos 490 contos que o exercício anterior) não obstante o agravamento notório que se fez sentir nos últimos tempos; e no aumento percentual obtido nas vendas Gerais. Mais de 4,5 que no exercício de 1975.

Podemos afirmar que a Empresa adquiriu já uma posição que, a curto prazo, lhe dará a estabilização económica pretendida. Continua, porém a debater-se com uma debilidade financeira, aliás, já referenciada e anotada em relatórios anteriores, impondo-se o aumento de capital para correcção deste sector. E não se tem poupado a esforços esta Administração procurando novos accionistas, mesmo debatendo-se com os problemas conjunturais de ordem nacional e bem conhecidos, podendo informar que, já se encontram nos cofres da Empresa, 1.487 contos, sob rubrica «Credores p/ acções a emitir» destinados a integrarem-se no novo aumento de capital, que se espera seja feito no decorrer dos próximos meses.

Senhores Accionistas:

Sem entrar em ajuizamentos pormenorizados, de toda a actividade desenvolvida por esta Sociedade, no decorrer do ano de 1976, por desnecessários, dada a evidência trazida pelos documentos bem referenciadores de toda ela, dir-se-á apenas, que não podendo, contudo, evitar um resultado negativo, ainda este ano, não pode deixar-se de salientar que ele se apresenta diminuído em comparação, com o do ano anterior, em cerca de 2.000 contos.

Fica a finalizar este relatório uma palavra de apreço e de gratidão a todos aqueles trabalhadores que deram a sua melhor colaboração no trabalho desta Empresa.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO,

aa) — SEBASTIÃO DIAS MARQUES
ALBERTO ANTUNES ALVES
ADALSINO DE CARVALHO SABINO

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1976

Código de Contas	ACTIVO	Activo Bruto	Amortizações e Reintegrações	Activo Líquido
	DISPONIBILIDADES			
50	Caixa	118 080$20		118 080$20
51	Bancos	618 037$90		618 037$90
		736 118$10		736 118$10
	CRÉDITOS A CURTO PRAZO			
40	Fornecedores	329 949$40		329 949$40
41	Devedores Gerais	108 750$40		108 750$40
		438 699$80		438 699$80
	EXISTÊNCIAS			
30.00	Mercadorias Armazém	3 229 867$30		3 229 867$30
30.01	Mercadorias — Loja 1	1 684 490$00		1 684 490$00
30.03	Mercadorias — Loja 3	1 139 225$60		1 139 225$60
		6 053 582$90		6 053 582$90
	IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
25	Edifícios	1 500 000$00	100 000$00	1 400 000$00
20	Instalações	4 396 842$10	1 558 799$29	2 838 042$81
21	Móveis e Utensílios	4 583 964$65	1 960 439$76	2 623 524$89
22	Veículos	212 000$00	106 669$32	105 330$68
		10 692 806$75	3 725 908$37	6 966 898$38
	IMOBILIZAÇÕES INCORPÓREAS			
23	Trespasse	1 150 000$00		1 150 000$00
24	Despesas de Constituição	45 128$20	45 128$20	
		1 195 128$20	45 128$20	1 150 000$00
	CUSTOS ANTECIPADOS			
32	Despesas Antecipadas	40 000$00		40 000$00
		40 000$00		40 000$00
	SITUAÇÃO LÍQUIDA RESULTADOS:			
81.01	Dos Exercícios Anteriores	9 347 607$49		9 347 607$49
81.00	Do Exercício	1 481 685$46		1 481 685$46
	TOTAL DA SITUAÇÃO LÍQUIDA	10 829 292$95		10 829 292$95
	TOTAL DAS AMORTIZAÇÕES		3 771 036$57	
	TOTAL DO ACTIVO			26 214 592$13
	CONTAS DE ORDEM			3 060 000$00

Código de Contas	PASSIVO	Passivo Líquido
	DÉBITOS A CURTO PRAZO	
40	Fornecedores	10 241 957$98
41	Credores Gerais	3 190 352$15
42	Letras a Pagar	5 567 132$00
43	Livranças a Pagar	2 582 500$00
		21 581 942$13
	DÉBITOS A MÉDIO E A LONGO PRAZO	
44	Credores por Acções a Emitir p/ aumento de Capital	1 487 650$00
		1 487 650$00
	CAPITAL E RESERVAS	
10	Capital	3 145 000$00
		3 145 000$00
	TOTAL DO PASSIVO	26 214 592$13
	CONTAS DE ORDEM	3 060 000$00

O TÉCNICO DE CONTAS,

a) — RAÚL ALBERTO MACHADO JORGE

Os Administradores

aa) — SEBASTIÃO DIAS MARQUES
ALBERTO ANTUNES ALVES
ADALSINO DE CARVALHO SABINO

DESENVOLVIMENTO DA CONTA DE «EXPLORAÇÃO GERAL» em 31 de Dezembro de 1976

DÉBITOS		CRÉDITOS	
Existência Inicial	8 051 429$39	Existência Final	6 053 582$90
Compras	35 264 439$35	Vendas	44 698 018$10
Despesas c/ o Pessoal	5 900 357$40	Proveitos Financeiros	52 422$00
Despesas c/ Móveis e Imóveis	127 506$70	Proveitos Acessórios	528 873$70
Transportes	21 629$00		
Despesas Gerais	1 045 820$40	RESULTADO:	
Outros Encargos de Gestão	522 162$46		
Encargos Financeiros	859 314$30	PREJUÍZO DO EXERCÍCIO	1 481 685$46
Dotações para Amortizações	1 021 923$16		
	52 814 582$16		52 814 582$16

POSIÇÃO DA CONTA «LUCROS E PERDAS» em 31 de Dezembro de 1976

DEVE		HAVER	
RESULTADOS DOS EXERCÍCIOS ANTERIORES		SALDO PARA 1977	10 829 292$95
Prejuízo dos anos 1970 a 1975	9 347 607$49		
RESULTADOS DO EXERCÍCIO			
Prejuízo do ano de 1976	1 181 685$46		
	10 829 292$95		10 829 292$95

O TÉCNICO DE CONTAS,

a) — RAÚL ALBERTO MACHADO JORGE

Os Administradores

aa) — SEBASTIÃO DIAS MARQUES
ALBERTO ANTUNES ALVES
ADALSINO DE CARVALHO SABINO

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas.

Cumprindo as disposições legais e estatutárias, o Conselho Fiscal apresenta o parecer sobre o Relatório, Balanço e Contas da Administração, do exercício de 1976.

A recomendação feita por este conselho fiscal no seu parecer sobre o Balanço e Contas do exercício de 1975, no sentido da empresa recorrer sem demora ao apoio de um técnico economista com experiência no sector alimentar, mereceu da Administração o devido cuidado e da sua prática resultaram já no exercício de 1976 alguns efeitos positivos.

Assim, e muito embora o resultado do exercício de 1976 tenha sido uma vez mais deficitário, é inegável serem já visíveis os índices de recuperação económica:

— mais nexo nos stocks de mercadorias, situando-se estes agora a níveis satisfatórios para o nosso ramo de actividade, isto é, com rotações economicamente mais razoáveis;

— os stocks passaram a ser «dirigidos» a partir do segundo semestre de 1976, permitindo o esquema implantado e a funcionar com êxito que desde logo fossem postos em causa alguns processos de marcação de mercadorias e se reajustassem outros.

É se é certo que os insucessos de exploração verificados no primeiro semestre de 1976 não conseguiram ser eliminados, puderam todavia ser bastante neutralizados.

O mesmo não poderá dizer-se do sector financeiro da empresa.

É óbvio que sem boa economia não poderão existir boas finanças.

Apesar do Passivo a curto prazo da Sociedade evidenciar em relação a 1975 uma recuperação de 3.235 contos, a falta de fundo de maneio que foi tónica dos exercícios precedentes, e também deste, continuará a recomendar uma atenção cuidada neste domínio já que, para além do projectado aumento de capital relevado no Balanço de 1976, a Administração não ignora que a situação deficitária da Sociedade e os prejuízos acumulados só poderão ser superados com gestões economicamente saudáveis e com saldos de exercício positivos.

É por demais evidente que os investimentos no IMOBILIZADO da Sociedade — 10.691 contos — feitos quase todos sem possibilidades e disponibilidades financeiras, de ocasião ou futuras, terão sido um dos grandes responsáveis pelo agravamento progressivo das situações de tesouraria.

Também, pelo seu apreciável montante, esses 10.691 contos de Imobilizado custam à empresa —quer esta funcione em pleno quer não — 1.023 contos de amortizações anuais, ou seja, o terceiro maior componente dos custos gerais de exercício (mapa de desenvolvimento de encargos).

Assim, somos de parecer:

1 — Que o Balanço e Contas do exercício de 1976 devem merecer a vossa aprovação.

2 — Que, face ao atrás exposto, a política da empresa deve orientar-se no sentido de, no ano em curso, não existirem mais dispêndios de capitais com aquisições de bens do Imobilizado (edifícios, instalações, equipamentos, veículos), sob pena de se comprometer ainda mais a tesouraria.

Não será possível prosseguir o esquema de recuperação económica atingida no segundo semestre de 1976 sem uma adequada concentração de fundos para aquisição de mercadorias e satisfação dos compromissos daí decorrentes.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1976

O CONSELHO FISCAL,

a) — FLÁVIO FERREIRA SARDO
CARLOS AUGUSTO DA SILVA
FERNANDO AGOSTINHO LIMAS

Santa Casa da Misericórdia de Aveiro

QUE FUTURO?

Devidamente firmado com inequívocas assinaturas, e com o título aqui em epígrafe, recebemos o texto que, gostosamente, a seguir damos à estampa.

Os signatários que constituíram as Comissões Administrativa e Liquidatária da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, solicitam e agradecem a publicação do que segue:

1) Já há meses foi publicada uma nota explicativa a pedido da Comissão Liquidatária. Consideramos haver agora necessidade deste novo esclarecimento, pois da nota da Mesa, publicada no Correio do Vouga e no Litoral, podem ficar dúvidas na população do concelho, embora certamente não fosse essa — lançar dúvidas — a intenção dos autores da nota.

2) Julga-se ser um facto incontroverso que a causa próxima da crise da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, reside na renúncia da Mesa Administrativa e no desinteresse manifestado pelos associados.

Foi precisamente este desinteresse que levou a Comissão Administrativa a depor o seu mandato nas mãos do Governador Civil, e que deu origem ao despacho ministerial determinando a liquidação. Esclarece-se desde já que a Santa Casa ainda não foi extinta, continuando viva, embora sem actividades; os associados e os aveirenses podem fazê-la reviver se assim o quiserem e julgarem possível. Com efeito, do relatório entregue ao senhor Governador Civil pela Comissão Liquidatária, consta uma proposta em que se defende o ponto de vista de se auscultar a população e os associados acerca dos destinos da Santa Casa, antes de se concretizar a extinção. Deve dizer-se que, tomando esta iniciativa, a Comissão Liquidatária ultrapassou a tarefa de que fora incumbida, indo assim, de certo modo, ao encontro dos desejos agora manifestados pelos signatários da nota.

Esperemos que o próximo apelo do senhor Governador Civil encontre nos associados e restante população, o mesmo interesse, a mesma preocupação pelo destino da Santa Casa, que os manifestados pela Mesa.

3) Pretendem os associados que constituíam a Mesa renunciante, justificar a sua não comparência, por as convocatórias terem sido feitas para o local próprio, ou seja a sede da própria Santa Casa.

Não ocorreu à Comissão Administrativa e certamente não ocorreria a ninguém, fazer convocatórias para outro local que não fosse a sede.

Mas se o tivesse feito, por ter adivinhado a possibilidade da justificação contida na nota, não deixaria de ser criticada por outros associados por não os ter convocado para a sede da Santa Casa.

4) Não se disse que os associados constituindo a Mesa se recusaram a pagar quotas; apenas se disse que o cobrador desistiu da cobrança por os associados se recusarem a pagar quotas. É uma grande parte dos associados, a maioria? Não o sabemos; no entanto, um número suficiente para levar o cobrador a desistir do encargo da cobrança.

O desinteresse dos associados talvez se explique por terem perdido benefícios: as farmácias deixaram de fazer descontos e a Administração do Hospital eliminou também os descontos de que beneficiavam os associados.

5) O património da Santa Casa mantém-se intacto; foi até acrescido por se ter recebido um legado de cerca de 140 contos, por morte do senhor ANTÓNIO DA ROCHA.

Mesmo depois de dada a sentença em Tribunal — o legado fôra contestado — houve bastantes dificuldades a vencer para o seu recebimento.

Graças aos esforços dos signatários e do advogado senhor Dr. MÁRIO GAIOSO que graciosamente conduziu a questão, recebeu-se o legado que de imediato foi depositado na Caixa Geral de Depósitos na conta da Santa Casa.

6) Com esta nota explicativa, dão os signatários por definitiva e completamente aclarado e encerrado o assunto da Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, relativamente àquilo em que tiveram oportunidade de intervir.

Constituíram as Comissões:

a) Administrativa
Alberto Ferreira Pires
Lauro Amando Marques
Adolfo Maria da Cunha Amaral
Jorge Cardoso do Vale Leite da Silva
Manuel Gomes Craveiro Guerra

b) Liquidatária
Lauro Amando Marques
Adolfo Maria da Cunha Amaral
Rogério Neto Barroca
Fernando Gonçalves Lavrador
Álvaro de Seiça Neves.

PORTO DE AVEIRO

UM COLÓQUIO

Conforme programa aqui oportunamente publicado, o CLUBE DOS GALITOS tem vindo a concretizar, no âmbito das celebrações do «16 de Maio», uma série de realizações — desportivas, culturais e recreativas.

Para o dia 22 do corrente, fora marcado um colóquio sobre o Porto de Aveiro, sendo moderador o Eng.º João de Oliveira Barrosa, Director da JAPA.

A esta iniciativa, sem dúvida do maior interesse, dada a importância, local e nacional, do tema, pretendem as gerências do «Galitos» dar a merecida projecção; e, por isso, decidiram, com pleno assentimento do moderador, transferir o colóquio para 3 de Junho, sexta-feira próxima, pelas 21 h. e 30 m., ampliando a chamada ao salão nobre da sua sede do público interessado para entidades ligadas ao magno assunto, às quais vão ser endereçados convites .

NÃO ACONTECEU...

ARAÚJO E SÁ — O MEU COLEGA MENDIGO

JÁ lá vão uns anos. Mas nem por isso me esqueci do «Frade», aquele mendigo de meia idade que esmolou à minha porta durante longos meses. Por sinal, fazia-o sempre à hora do almoço, talvez por uma questão psicológica reveladora de apurado tacto, até porque a mendicidade — sobretudo a profissional!, que também a há — tem os seus truques, como tudo na vida. Nunca me bateu à porta que levasse as mãos vazias, pois o aspecto de miséria que exibia sensibilizava o coração mais empedernido. Mesmo assim, pedi-lhe, certa vez, que esmolasse a outra hora, pois teria, como sempre, uma malga de caldo, um naco de pão e um copo de bom parreirol das minhas cepas de Fermelã. Evitaria, deste modo, ter de me levantar da mesa para lhe dar o cigarro a que o habituara e que o «Frade» — fumador sem dinheiro para tabaco — saboreava, após a refeição, com evidente agrado.

Dias depois do pedido lhe ser feito, o cão ladrou, uma vez mais, à hora do almoço.

Continua na página 5

ENTREVISTA

— Qual a finalidade desta viagem?

— Esgotadas as minhas explorações terrenas, vou tentar outras possibilidades planetárias!

TV

Acerca de 'OS AMORES DE NAPOLEÃO'

JORGE MENDES LEAL

À indesmentível qualidade das séries televisivas inglesas tem recebido da nossa crítica TV, de todos os quadrantes, um aplauso unânime e de justa base. As reconstituições históricas, particularmente, incidindo com perspicácia e profundidade sobre épocas marcantes, nunca deixaram de revelar em subido grau, e para lá dum aprimorado exercício do «métier», uma extrema honestidade na recriação de factos, personagens e ambientes. Tudo executado com subtileza e gosto invulgares.

Malaventuradamente, o primeiro episódio da nova série «Os Amores de Napoleão» pareceu determinado pela tradicional preocupaçãozinha britânica de minimizar e, até, apalhaçar o *general Bonaparte*, envolvendo-lhe a figura genial em situações e tramas que nada têm a ver com a realidade histórica na sua mais escolar acepção. Como agravante, sublinha-se que o prestígio merecidamente logrado em séries anteriores serve, no caso, aos olhos de telespectadores desprevenidos, para avalizar agora rodriguinhos baratos onde se avilta — decerto acintosamente, tão grosseiros são os disparates — a personalidade imortal do vencedor de Austerlitz.

O folhetim «Rose», referenciando o namoro, noivado e casamento com Josefina de Beauharnais (Marie-Josèphe Rose Tascher de la Pagerie) utiliza insinuações tão mentirosas como a de que o 13 Vendimário foi comandado «à vol d'oiseau» do salão de Barras (a cena em que este dá ordens ao «capitão» Murat para capturar os canhões de Sablons é dum ridículo e duma falsidade infames!) e o primeiro matrimónio napoleónico ajeitado, assim a meio duns voluptuosos enredos de amantismo, como preço para a concessão a Bonaparte da chefia dos exércitos franceses na Itália. Ora a verdade — atestada diafanamente pelas mais válidas das 200 000 obras que, segundo o grande bibliógrafo Kircheisen, foram até agora dedicadas a Napoleão — é que partiu de Josefina, embora talvez ajudada por quaisquer sugestões de alcova do mavioso Paul Barras, a iniciativa de se lançar à conquista do já célebre e altamente promissor *general Vendimário*. Tratava-se, não duvidemos, dum caso de conveniência pura; só que, inversamente ao pretendido na telenarrativa, o jogo interesseiro foi *todo* montado pela viúva Beauharnais. A paixão de Bonaparte, aliás, duraria apenas o tempo das ilusões fagueiras — os assuntos

Continua na página 5

SANTA CASA

Nova Comissão Administrativa

Por despacho de 13 de Maio corrente, o Secretário de Estado da Segurança Social homologou a nova Comissão Administrativa para a Santa Casa da Misericórdia de Aveiro, que recentemente havia sido proposta pelo Governador Civil do Distrito, Dr. Manuel da Costa e Melo. Dela fazem parte: Alberto Pires, Dr. Francisco Manuel de Castro e Pinho, Eng.º Lauro Armando Ferreira Marques, Maria Helena Monteiro Coelho da Costa e Melo e prof.ª Zulmira Eneida de Sousa Silva e Christo Barreto Cerqueira.

Litoral

AVEIRO, 27 - MAIO - 1977
ANO XXIII — N.º 1162

PORTE PAGO